USO DE TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: LETRAMENTO DIGITAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

DANILO JOSE CLAUDINO

RESUMO

O objetivo deste trabalho acadêmico tem por finalidade explorar o uso de tecnologias no processo de aprendizagem, utilizando ferramentas de letramento digital para os estudantes do ensino fundamental II, possibilitando, assim, auxiliá-los com eventuais dificuldades de aprendizado em leitura e escrita. O tema é atual e relevante, se fazendo presente no cenário diário de muitos jovens que se utilizam das tecnologias por meio de redes sociais, aplicativos de celular ou simplesmente, tendo acesso à rede mundial de computadores, tanto na escola e principalmente em suas casas e que, eventualmente, ainda possuam defasagem com atividades básicas de leitura e de escrita. A pesquisa se desenvolveu de forma qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico, além da coleta de dados, onde fora constatado que existe dificuldade de aprendizado, levando-se em consideração a pouca ou falta de instrução das próprias famílias dos estudantes, o desinteresse em querer aprender dos próprios jovens, a falta de políticas públicas efetivas no país - principalmente no Estado e Município de São Paulo - que incentivem esses jovens, bem como à falta de ensino e de aprendizagem nos primeiros anos do ensino fundamental I. Assim, tratando de tecnologias no processo do aprendizado e letramento digital no ensino fundamental II, quais ferramentas poderiam ser utilizadas para ajudar esses estudantes com a defasagem escolar? A partir dessa dúvida, percebe-se que uma das melhores maneiras para encorajar esses jovens seria utilizar as próprias ferramentas tecnológicas e digitais à disposição dos alunos para engajar o estudo de escrita e de leitura, como passaremos a destacar adiante.
PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado; Tecnologias; Letramento; Educação.

ABSTRACT

The objective of this academic work is to explore the use of technologies in the learning process, using digital literacy tools for elementary school students, thus enabling them to assist with any learning difficulties in reading and writing. The topic is current and relevant, present in the daily lives of many young people who use technologies through social media, mobile apps, or simply by accessing the World Wide Web, both at school and especially at home, and who may still be lagging behind in basic reading and writing skills. The research was qualitative, using a bibliographical survey and data collection. It was found that learning difficulties exist, considering the limited or lack of education among the students' families, the lack of interest in learning among the young people themselves, the lack of effective public policies in the country— particularly in the State and Municipality of São Paulo— to encourage these young people, as well as the lack of teaching and learning in the early years of elementary school. Therefore, when addressing technologies in the learning process and digital literacy in elementary school, what tools could be used to help these students with their academic deficit? Based on this question, it is clear that one of the best ways to encourage these young people would be to use the technological and digital tools available to them to engage them in the study of writing and reading, as we will highlight below.

KEYWORDS: Learning; Technologies; Literacy; Education.

1. INTRODUÇÃO

Como visto, o presente artigo científico tem por finalidade explorar o uso de tecnologias no processo do aprendizado, utilizando ferramentas de letramento digital para os estudantes do ensino fundamental II, auxiliando os estudantes com eventuais dificuldades de aprendizado em leitura e escrita.

É sabido que no Brasil e principalmente nas grandes capitais de São Paulo, a maioria dos

estudantes fazem uso constante de smartphones e tablets, tendo acesso
- quase que ilimitado - à internet e as mais variadas redes sociais. Contudo, uma parte dos jovens, infelizmente, não têm acesso à computadores, devido à falta de condições financeiras de suas famílias, mas isso não impede que tenham acesso à tecnologia de outras maneiras, como por exemplo, acessando os aparelhos celulares de seus responsáveis, assistindo televisão, ou jogando videogame com seus parentes.

Além disso, muito por conta da pandemia provocada pelo vírus SARS-COV-2 (COVID-19) e diante da iminência da quarentena nos anos de 2020 e 2021, muitos dos educandos perderam completamente o contato presencial com seus professores, colegas de sala e demais funcionários da escola o que resultou em prejuízos diversos de leitura e de escrita.

Dessa forma, a educação teve de ser remodelada desde a estrutura no sistema de educação, até as diferentes metodologias de ensino e aprendizagem.

Voltando para a realidade da presente pesquisa, seja por conta do uso imoderado das tecnologias, seja pela restrição e isolamento total com o mundo digital, uma parte dos estudantes apresentam defasagem de aprendizado não só na matéria de língua portuguesa, como também em diversas outras aéreas da grade curricular escolar, sendo que muitos deles, entre 10 aos 17 anos de idade, não são capazes de ler ou escrever com fluência, alguns, inclusive, não conseguem sequer copiar as atividades ou matérias da lousa o que, lamentavelmente, poderá resultar prejuízos catastróficos no futuro, tanto academicamente como profissionalmente. Entre outras palavras, uma alfabetização mal direcionada trará impactos negativos tanto na vida pessoal, acadêmica e profissional dos estudantes, recomendando-se então, elaborar uma abordagem pedagógica fazendo uso de ferramentas tecnológicas, para desenvolver o processo de alfabetização e letramento, para que possam assim - os estudantes - tornarem-se cidadãos aptos a exercerem plenamente sua vida social, profissional e acadêmica.

Na visão um tanto quanto "conservadora" de Colello, 2012: "uma pessoa que não sabe exprimir seus pensamentos por meio da escrita, é um ser analfabeto".

Nessa toada, o processo de alfabetização se faz presente e é extremamente importante na vida de todos os cidadãos, principalmente aqueles que estão com defasagem em leitura e escrita, na medida em que a língua portuguesa faz parte do cotidiano diário de cada pessoa no Brasil. Na visão de Montessori, 2018:

É a língua que distingue o ser humano dos outros animais, pois esta é um meio de expressão do pensamento e, portanto, da sua inteligência, sendo capaz de compartilhar o pensamento que lhe é falado e a capacidade de compreender o que os outros dizem, a fim de atingir um bem em comum e de finalizar um trabalho.

Assim, para fundamentar o presente trabalho, acreditando que a elaboração desse artigo cientifico poderá estimular os jovens a superarem suas dificuldades de aprendizado com a leitura e a escrita, busca-se buscar o argumento metodológico na visão de quatro autores contemporâneos da educação: a educadora e doutora Emília Ferreiro, que teve o privilégio de ser orientada por Jean Piaget, a pedagoga e doutora: Maria Montessori, a professora e doutora: Silvia de Mattos Gasparian Colello, especialista em letramento - e que inclusive já foram citadas, e o professor doutor: Paulo Freire, patrono da educação brasileira, reforçando o uso de ferramentas tecnológicas para contribuírem com o aprendizado de leitura e escrita, reforçando a importância da educação para tornar os estudantes plenamente aptos a exercerem sua cidadania, cumprindo seus direitos e obrigações quando adultos, tal como é o objetivo da educação básica no Brasil.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Objetivos:

Busca-se então com o presente trabalho: a) diagnostica em qual estágio de alfabetização encontra-se cada um dos estudantes com defasagem; b) elaborar atividades pe-

dagógicas, combinadas ao uso tecnológico de ferramentas digitais para demonstrar o funcionamento da escrita e leitura para os estudantes; c) promover o uso de ferramentas digitais e tecnológicas como games, quiz, aplicativos de celular, e redes sociais, para fomentarem o processo de leitura e escrita dos estudantes.

2.2. Justificativa:

Diante da constatação de que existe grande parte de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental II nas escolas do Brasil, incluindo o Estado e Município de São Paulo com dificuldade de leitura e escrita, percebe-se, analiticamente, que o analfabetismo é um problema de grande repercussão e impacto contemporâneo.

Através de simples pesquisa na rede mundial de computadores (internet), percebe-se o descaso e falta de investimento na educação do Brasil, além do sucateamento das escolas públicas que resultam no baixo nível de ensino no país. Segundo dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF): "13% dos brasileiros com idades entre 15 e 64 anos, são considerados analfabetos funcionais", isso corresponde à 17,4 milhões da população brasileira.

Sabendo dos dados relatados acima, se tratando de estratégias de aprendizado de letramento, quais ferramentas tecnológicas poderiam ser utilizadas para ajudar esses estudantes com a defasagem de leitura e de escrita?

Tem-se que é de suma importância trabalhar ferramentas tecnológicas para apreensão do conhecimento e para despertar o interesse dos estudantes em querer aprender, desafiando o educador à criticidade das suas práticas na sala de aula.

Percebe-se que com a tecnologia, cria-se a possibilidade de encurtar as distâncias do ensino e de aprendizagem, possibilitando, assim, novas formas de linguagem e de comunicação, utilizando ferramentas digitais, tais como, aplicativos e redes sociais, para ampliarem a absorção de conhecimento pelos jovens.

Nessa perspectiva, ainda que alguns estudantes, infelizmente, não tenham acesso à computadores em suas casas, indiretamente, muitos desses jovens fazem uso de celulares, nem que sejam de seus pais ou responsáveis. Infere-se então que a maioria dos estudantes da geração atual, possuem contato íntimo com as tecnologias digitais, incluindo no dia a dia nas escolas. Ocorre que, uma vez inseridos nessa realidade, conclui-se que todas e todos os estudantes são capazes de entenderem suas programações, utilizando suas habilidades e potencialidades para o ensino e aprendizagem do letramento digital.

2.3. A problemática do analfabetismo:

Em que pesem os muitos esforços da educação brasileira, que inclusive, vem evoluindo nos últimos anos para erradicar por completo o analfabetismo no país, ainda há milhões de pessoas que infelizmente não sabem ler e nem escrever. Seguindo o discurso de Freire (2001, p. 98): “a educação não é a chave, a alavanca, o instrumento para a transformação social. Ela não o é, precisamente porque poderia ser [...] O que quero dizer é que a educação é limitada, a educação sofre limites”.

Segundo dados do Governo do Estado de São Paulo, os dados revelam que a situação melhorou e que houve uma “queda no alfabetismo de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019”. Porém, ainda há níveis alarmantes que merecem consideração:

No entanto, ainda há muitas pessoas que não possuem qualquer nível de alfabetização e que por este motivo ficam à margem da sociedade, vivendo fora da zona onde aparecem as melhores oportunidades, tanto profissionais, quanto pessoais. A taxa de analfabetismo no Brasil passou de 6,8% em 2018 para 6,6%, em 2019, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação, divulgada hoje (15). Apesar da queda, que representa cerca de 200 mil pessoas, o Brasil tem ainda 11 milhões de analfabetos. São Pessoas de 15 anos ou mais que, pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não são capazes de ler e escrever nem ao menos um bilhete simples.

Cabe ser destacado que houve um tempo em que se pensava que a educação seria restrita e inacessível para a maioria das pessoas, principalmente para a classe mais pobre. No entanto, devemos lembrar que, "ser possível estudar", está estritamente condicionado a fatores sociais, culturais, ideológicos e em outras palavras, nos contextos atuais do cotidiano diário de cada aluno, incluindo a formação de profissionais e o interesse dos estudantes em querer aprender.

Nessa perspectiva é necessário que se invista na formação de professores para que se possibilite alfabetizar - tornando os estudantes - também formadores críticos, capazes de transformar sua própria realidade e desenvolverem-se como cidadãos.

Com o uso de novas ferramentas tecnológicas de aprendizado, uma das tarefas do educador é repensar as suas práticas educacionais e adaptá-las para que o possível seja feito e que os jovens sejam capazes de aprender mais do que o básico exigido, fugindo da normalidade e tornando-se sujeitos pensantes.

Com base no entendimento amplo deste contexto, o educador deve expor como e onde o aluno irá utilizar o que se pretende ensinar, baseados em problemas reais dos envolvidos, incluindo o conhecimento sobre a sua aplicabilidade.

Segundo dados do Sistema de Gestão Escolar - SPONTE (2018):

Disponibilizar ferramentas digitais para as crianças que estão aprendendo a ler e a escrever é algo que tem trazido importantes mudanças e benefícios nesse complexo processo, como a possibilidade de terem uma educação com mais qualidade, mais inclusiva e acessível e que possibilite uma melhor assimilação do conteúdo.

Utilizar uma tecnologia na sala de aula e no processo de alfabetização é algo que precisa ter um bom planejamento pedagógico para que não seja apenas uma distração para as crianças. O corpo docente da escola deve elaborar um plano de aulas e atividades que apresente as ferramentas educativas da era digital. A escola também pode solicitar apoio por parte das famílias, de forma que os pais e responsáveis dos alunos os ajudem a explorar a era digital e a aprender com os recursos disponíveis.

Como podemos observar na nossa pesquisa de campo, os alunos do objeto de estudo se emolduram nos dados desse problema tão amplo que abrange todo o país, diante das desigualdades socioculturais na qual se enquadra a educação do Brasil desde os seus primórdios. Como destacado:

Quando a criança chega ao final do 2º ano do ensino fundamental sem saber ler, ou lendo precariamente, como é o caso de mais da metade dos alunos brasileiros, sua trajetória escolar fica comprometida. Isso se reflete em altas taxas de reprovação, distorção idade-série, abandono e evasão." (BRASIL, 2019a, p.11).

Segundo Colello (2012, p. 19): "Se a linguagem é a maior das invenções humanas, a escrita é a maior conquista da civilização, motivo pela qual ela marca o início da história da humanidade." No entanto, ao alfabetizar os jovens, deve-se levar em consideração alguns fatores como: não os tratar como crianças, deixar claro o porquê de precisarem aprender algum conteúdo novo antes de começar a ensiná- los, e porquê a aplicabilidade daquele conhecimento trará resultados positivos.

Segundo Montessori (2018) ler e escrever originou-se na construção e avanço da ciência, onde é que se apoiam as civilizações. Este é o caminho em que a educação deve ser norteada, por meio dos conhecimentos científicos, favorecendo o processo de aprendizado de forma criativa e construtiva.

Também é oportuno destacar a formação dos docentes em busca de novas metodologias, embasando-se nas teorias críticas e pós críticas, pois essas ajudam a entender o aluno como protagonista no processo de ensino aprendizagem, evitando práticas tecnicistas e ditames conservadores.

Assim, após a exposição do problema, é importante criar um plano de aula, evitando regras rígidas, contextos ortodoxos e desgastantes, desta forma serão propostas atividades utilizando um aplicativo de alfabetização e recursos como a câmera digital e o perfil da rede social da escola.

2.3. Fundamentação teórica

A alfabetização é um ato de justiça social, pois habilita o cidadão a entender e interagir com autonomia, sendo o desenvolvimento da cidadania social definido como um modo de ser, de estar, de agir no mundo de forma participativa.

Conforme Freire (1979), o processo de alfabetizar deve ser construída de dentro do indivíduo, para fora. Deve partir do conhecimento prévio do educando, do que ele gosta, dos interesses que possui, pois assim, a curiosidade instiga a vontade de compreender e desenvolver a escrita e a percepção de que a escrita é a tradução dos sons que já falamos em nosso dia a dia. Assim como já dito pelo autor "[...] que o bicho gente, muito antes de desenhar e fazer a palavra escrita, falou, disse a palavra e, muito tempo antes de escrever, "leu" o mundo dele," leu" a realidade dele.[...]" (FREIRE, 2001, p 136).

Nesse sentido, na visão do autor: "ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção." (2020. p.24).

Devemos lembrar que as desigualdades educacionais são presentes desde o início da nossa história; problema esse que vem sendo trabalhado através das reformas da educação brasileira e da criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), com o objetivo de minimizar os impactos que persistem nos dias atuais.

Vale destacar que o Decreto número 9.765, de 11 de abril de 2019 (BRASIL, 2019b) que institui a Política Nacional de Alfabetização, esclarece que:

Artigo 1º: Fica instituída a Política Nacional de Alfabetização, por meio da qual a União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, implementará programas e ações voltados à promoção

da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal. [grifo nosso]

Segundo dados do Senado Federal, 2020:

[...] Atualmente 11 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever. A meta do Plano Nacional de Educação é erradicar o analfabetismo até 2024. Mas com a suspensão das aulas presenciais, por causa da pandemia de covid-19, a alfabetização foi prejudicada. O vice-presidente da Comissão de Educação, senador Flávio Arns (Podemos - PR), informou que apenas 33% das escolas têm internet e a maioria dos alunos não possui computador com conexão de qualidade.

Para a autora Ferreiro (1989), a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação, e a dificuldade central na alfabetização é compreender os processos de passagens de um modelo de organização conceitual a outro, ou seja, ao absorver a informação dada, o aluno deixa de lado parte da informação não assimilável e introduz um elemento interpretativo.

O processo de alfabetização tem como objetivo tem como objetivo: reconciliar evidências contraditórias, passar por períodos de conflitos e dificuldades de acomodação; selecionar o que se consegue assimilar; criar uma interpretação própria, que para o aluno faça algum sentido, levando em conta aspectos quantitativos das palavras ou objetos, e ou aspectos qualitativos.

Com o avanço da nossa sociedade e dos recursos digitais bem como uso de novas ferramentas tecnológicas de aprendizado, uma das tarefas do educador é repensar as suas práticas educacionais e adaptá-las de modo que a mesma se adeque às necessidades da nossa sociedade.

Através dessa atualização do docente, visando os interesses e a linguagem dessa nova geração, o ensino se torna mais próximo à realidade do aluno, permitindo assim que os jovens sejam capazes de aprender mais do que o básico exigido; ampliando as maneiras de favorecer a aprendizagem e de transformar os alunos em sujeitos pensantes e atuantes na sociedade.

A população tinha interesse e em ter o direito de se expressar garantidos pela Declaração de direitos Humanos de 1791, em que estabelecia e garantia o maior tesouro da

civilização: o direito e a liberdade de expressão.

A partir de então todas as pessoas conseguiram empregar essa conquista como obrigatória, portanto, nestas épocas, as pessoas entenderam a importância de criar e desenvolver habilidades intelectuais mais elaboradas essenciais para auxiliar o próprio desenvolvimento cognitivo do ser humano e assim, favorecer um nível cultural mais elaborado (MONTESSORI, 2018).

O local onde a população em massa, conseguiria aprender conceitos novos e a nova forma de se expressar, seria com a educação nas escolas. Neste momento, comprova-se na prática a necessidade de representar a linguagem por meio de um sistema fonético e escrito, sempre respaldando a linguagem social usada com a escrita, a fim de que haja a integração e a complementação entre linguagem, leitura e escrita.

A composição de um alfabeto pôde integrar à linguagem um sistema composto por regras pré-estabelecidas que se traduzem no mecanismo da escrita alfabética. A qual consiste em representar por sinais gráficos e que combinados formam as palavras, estas, por sua vez são as representações de todos os sons que o humano pode fazer. Estes sons, só são possíveis, pois o humano apresenta uma anatomia que favorece a emissão e a combinação de múltiplos sons. Isso se dá, graças a forma que as cordas vocais têm e toda a estrutura bucal, fundamentais para essa expressão oral que é a linguagem (MONTESSORI, 2018).

Em nosso desenvolvimento cognitivo precisamos fazer a conexão da linguagem e da cultura em que estamos inseridos com os sons representados. Assim a escrita surge naturalmente em meio a todo o processo de desenvolvimento da psique.

Contudo, importante evidenciar que a escrita não é o alfabeto, a escrita são realizações de transpor o pensamento em uma ação de modo a traduzir e a contar uma longa trajetória histórica que a linguagem sofreu, uma vez que a língua sempre muda, sempre há melhorias em cada geração (MONTESSORI, 2018).

Observamos essa dinâmica quando analisamos o processo de alfabetização no seu estágio inicial, seja no contexto familiar ou no ensino pré-escolar, através da leitura de histórias e brincadeiras que usem palavras, músicas e rimas, que compõe a consciência fonológica que é descrita como essencial para a alfabetização de acordo com o Plano Nacional de Alfabetização (2019ª, p. 30). Com o ingresso no Ensino Fundamental I as crianças iniciam formalmente o conhecimento alfabético, através da apresentação das letras, o seu valor fonológico e as suas formas.

Com o sucesso da leitura e escrita a alfabetização evolui com o avanço e desenvolvimento da leitura, bem como do vocabulário, da gramática, da interpretação e produção textual até que a alfabetização seja consolidada, chegando à leitura de processamento visual.

De acordo com Reis et al. (2010), no início da aprendizagem da leitura predomina-se a via fonológica ainda que a via lexical também seja recrutada; a partir da progressão da aprendizagem, a leitura se torna mais fluente e a via lexical ganha maior predominância. Ainda conforme alguns estudos funcionais das bases cerebrais dos défices leitores, os mesmos apresentam menor ativação nas regiões dorsais e ventrais quando comparados com leitores típicos (et al. 2011), áreas que de acordo com Pugh et al. (2000), estão diretamente ligadas aos processos de aprendizagem da leitura e reconhecimento da palavra.

Conforme Serafim e Sousa (2011), por meio de recursos tecnológicos, professores e professoras da Educação Básica podem reorganizar as propostas metodológicas de ensino em suas práticas para trabalharem com vídeos digitais produzidos pelos próprios educandos e educandas, a fim de que seja uma ferramenta para motivar e inserir o aluno e aluna em um ensino e aprendizagem participativo e construtivo. A fim de que se organize as informações e as reelabore, evidenciando a própria visão dos alunos, o que torna os conceitos científicos em uma linguagem acessível a todos e todas, aproximando-se mais da realidade de cada um.

Aqui cabe desmistificar a cultura do aprendizado conservador, aquele em que o aluno

só vai para a escola para "copiar da lousa", ouvir o que a professora e o professor têm a dizer e ir para a casa sem assimilar o conteúdo. Há de ser levado em consideração no que concerne o letramento e aprendizado dos jovens, ferramentas tecnológicas digitais que permitam a busca do conhecimento.
Com novas ferramentas digitais, é permitido que o aluno não só seja lecionado na escola, como também pratique e aprenda por si mesmo em casa, de forma mais rápida e menos exaustiva, permitindo-se utilizar de aplicativos, plataformas digitais e meios tecnológicos de pesquisa, até atingir os seus objetivos de aprendizado.
Assim, chegamos a conclusão de que o letramento digital envolve habilidades como buscar, selecionar e compreender informações em ambientes virtuais, além de refletir sobre a confiabilidade e a ética no uso desses conteúdos.

No Ensino Fundamental II, etapa em que os estudantes estão em pleno desenvolvimento de sua autonomia intelectual, a inserção orientada das tecnologias pode transformar a maneira como aprendem e se expressam.
Além disso, é preciso considerar a desigualdade no acesso. O letramento digital não pode se restringir a estudantes que já possuem familiaridade com dispositivos e plataformas. A escola pública, em especial, tem o dever de democratizar esse conhecimento, garantindo formação docente contínua, infraestrutura adequada e metodologias que integrem o digital ao currículo de forma significativa.

2.5. Metodologia

Assim, o uso de tecnologias no processo de aprendizagem no Ensino Fundamental II deve ser encarado como parte estruturante de uma educação contemporânea. Investir no letramento digital é garantir que nossos estudantes não sejam apenas consumidores passivos de conteúdo, mas sujeitos ativos, capazes de transformar a informação em conhecimento e a tecnologia em ferramenta de cidadania.

Diante das transformações sociais e tecnológicas do século XXI, a escola tem o papel fundamental de promover uma educação alinhada às competências exigidas pela cultura digital. Neste trabalho, evidenciou-se que o letramento digital no Ensino Fundamental II não é apenas uma demanda contemporânea, mas uma condição indispensável para o desenvolvimento integral dos estudantes.
Dessa forma, uma atividade foi pensada para trabalhar e desenvolver as dificuldades específicas que cada estudante. Propõe-se então, que o grupo com dificuldade de leitura e de escrita utilize o aplicativo chamado "aprendemos e brincamos. Palavras em Português" criado pela DOMOsoft em uma funcionalidade do aplicativo chamado: "soletrando", cuja aparece a imagem e a criança deve digitar a o nome que aparece na figura, as quais estão alocadas uma lista de palavras geradoras de um tema central, enquanto que os alunos, já na fase silábico-alfabética, pediu-se para relatarem por meio da escrita como foi a aula anterior sobre o tema.

4. CONCLUSÃO

Considerando que as análises dos dados da pesquisa foram de cunho qualitativo e de caráter exploratório, buscou-se entender a problemática estudada, identificando e observando às dificuldades individuais de cada aluno presente no projeto.
Diante de um mundo cada mais globalizado, onde as tecnologias avançam de forma rápida, é necessário pensar e propor aos alunos atividades que façam uso da internet e ferramentas interativas.
A utilização de tecnologias educacionais como o aplicativo "Aprendemos e Brincamos. Palavras em Português", da DOMOsoft, demonstrou-se uma estratégia eficaz para potencializar o processo de alfabetização e letramento em ambientes digitais. Através de atividades interativas, lúdicas e acessíveis, os estudantes do Ensino Fundamental II que participaram da experiência pedagógica apresentaram avanços significativos na identificação, compreensão e uso das palavras da língua portuguesa, evidenciando que a integração do digital ao currículo pode, de fato, favorecer o aprendizado.

Portanto, conclui-se que o uso pedagógico de ferramentas tecnológicas, quando planejado com intencionalidade didática e alinhado às necessidades da faixa etária, promove não apenas o domínio técnico dos recursos digitais, mas também o desenvolvimento cognitivo, linguístico e crítico dos alunos. O letramento digital, nesse sentido, deve ser incorporado como eixo transversal na prática pedagógica, contribuindo para uma educação mais inclusiva, criativa e conectada com o mundo contemporâneo.

O objetivo desta pesquisa portanto foi desenvolver um plano de aula para auxiliar na alfabetização de um grupo de jovens com defasagem escolar, fazendo uso de ferramentas como aplicativos, câmeras fotográficas e a própria rede social da escola no Facebook, para estimular esses alunos a aprenderem ler e a escrever.

Nessa perceptiva, foi analisado o contexto onde a escola está inserida, a metodologia usada, e o conhecimento prévio dos estudantes, para promover a conscientização da importância de ler e escrever, os estimulando como atividades diferenciadas, observando-se que é possível fazer uso de uso de tecnologias no processo de aprendizagem: letramento digital no ensino fundamental II.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. - Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Decreto nº 9.765 de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Atos do Poder Executivo. Diário Oficial da União, publicado em: 11 de abril de 2019, Brasília, Edição 70-A, Seção: 1 - Extra, página 15, 2019.

BRASIL. Senado Federal. Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE. Brasília-DF, 13, nov. 2020. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge. Acesso em: 30, jul. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Dia Nacional da Alfabetização é comemorado com queda do analfabetismo, 04 de ago. 2025. https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/dia-nacional-da-alfabetizacao-e-comemorada-com-queda-do-analfabetismo/

COLELLO, M.G.S. A escola que não ensina a escrever. São Paulo. Editora Summus. 2012.

FERREIRO, E. Reflexão sobre alfabetização. São Paulo- SP: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro; ed.17.Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. Pedagogia dos sonhos possíveis. Ana Maria Araújo Freire, organizadora. São Paulo: UNESP, 2001

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro; ed. 63. Editora Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. Pedagogia dos sonhos possíveis. Ana Maria Araújo Freire, organizadora. São Paulo: Unesp, 2001.

INAF. 3º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional - um diagnóstico para a inclusão social Pela Educação. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, 2003. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/. Acesso em: 22, ago. 2024.

MONTESSORI, M. Formação do Homem. Tradução de: Sônia Maria Braga. Campinas-SP; ed.1. CEDET, 2018.

PUGH, K. R.; MENCL, W. E.; JENNER, A. R.; KATZ, L.; FROST, S. J.; LEE, J. R.; SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A. Functional neuroimaging studies of reading and reading disability (developmental Dyslexia. Mental Retardation and Developmental Disabilities. Research Reviews, vol. 6, n. 3, p. 207-213, 2000. Disponível em:

https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1098-2779(2000)6:3%3C207::AID-MRDD8%3E3.0.CO;2-P Acesso em: 02, mai. 2025.

REIS, A.; FAÍSCA, L.; CASTRO, S.L.; PETERSSON, K. M. Preditores da leitura ao longo da escolaridade: Um estudo Com alunos do 1 ciclo do ensino básico. In Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, p. 3117-3132) 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0013-3C-CA-6. Acesso em: 30, abr. 2025.

SERAFIM, M. L.; SOUSA, R. P. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUSA, R.P.; MOITA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G.
Organizadores. Tecnologias Digitais na Educação. Campina Grande- PB, 2011. p. 17-49

SPONTE. Tecnologia na escola durante a alfabetização: vilã ou aliada?. Pato Branco- PR, 25 abr 2023. Disponível em: https://www.sponte.com.br/como-a-tecnologia-pode- auxiliar-a-escola-no-processo-de-alfabetizacao/. Acesso em: 29 jul 2025.